

ECUUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP



Nº166 - ANO XXVIII - MARÇO/ABRIL - 2020

Ut omnes unum sint

UMA PÁSCOA FELIZ, EMBORA DIFERENTE!



Padre Cido Pereira*

Me foi pedida uma mensagem de Páscoa para os meus irmãos e amigos do Ibaté. E eu pensei, pensei no que escrever.

Eu poderia escrever o que todos já sabem, porque têm no coração que a Páscoa, para os pagãos, era a passagem do inverno para a primavera, para os judeus, a passagem do cativo do Egito para a liberdade e, para nós cristãos, a vitória de Cristo sobre a morte.

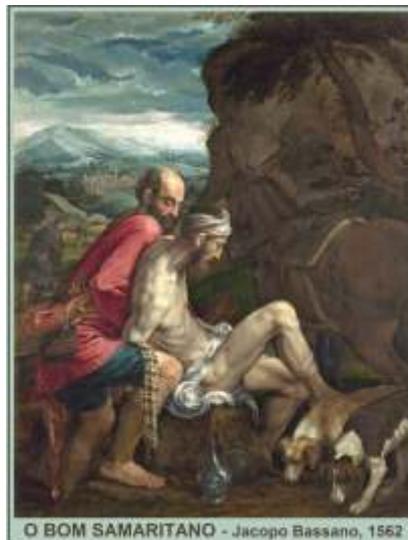
Eu poderia escrever que nosso Deus e Senhor Jesus Cristo não é um Deus pregado numa cruz, mas um Deus vitorioso que nos garantiu: “Eu sou a ressurreição e a vida, e quem crê mim terá a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia”.

Eu poderia escrever que qualquer passagem do ruim para o melhor, do melhor para o ótimo em nossa vida, é uma páscoa. E poderia também lembrar que quando rezemos no Credo: “creio na ressurreição da carne” estamos proclamando a ressurreição de Jesus e a nossa.

Esta Páscoa 2020, porém, está acontecendo de uma forma tão linda que não posso deixar de comentar. A desgraça do coronavírus nos ajuda a ter uma páscoa jamais pensada e que, mais do que as outras páscoas, se mostra mais verdadeira, mais real.

Nesta Páscoa vemos famílias mais unidas dentro de casa, descobrindo jeitos de curtirem o isolamento; as pessoas mais juntas, mais preocupadas umas com as outras. Isso é Páscoa, porque no corre-corre pela vida, nem as refeições conseguimos fazer em comum.

Nesta Páscoa vemos filhos preocupados com os pais, não os deixando sair de casa, provendo-os do necessário para viver - alimentação e remédio - telefonando a toda hora para saber se está tudo bem.



O BOM SAMARITANO - Jacopo Bassano, 1562

Nesta Páscoa vemos uma explosão de solidariedade. Gente se apresentando como voluntários nos hospitais, gente se oferecendo para fazer as compras de vizinhos idosos, netinhos se privando do carinho dos avós entendendo que eles podem ficar doentes.

Nesta Páscoa vemos as pessoas, das janelas de suas casas, gritando um muito obrigado aos profissionais da saúde que se arriscam para cuidar dos infectados.

Nesta Páscoa vemos fiéis orando em casa, talvez com mais fervor do que nos templos, confiando o mundo, a comunidade e suas famílias aos cuidados de Deus.

Nesta Páscoa vemos a sociedade se ajeitando para superar as dificuldades no mundo do trabalho, da economia. Vemos governos pensando em estratégias que possam ajudar no combate à pandemia.

Nesta Páscoa a criminalidade diminuiu, diminuíram os acidentes de trânsito, diminuíram os crimes contra a vida, os roubos e latrocínios. Pensa-se até na humanização dos cárceres para que se evite o contágio a quem já é punido com a falta da liberdade.

Coincidentemente, esta Páscoa foi preparada por uma Campanha da Fraternidade que nos convidou a todos a se responsabilizar pela vida, tendo como lema a atitude do bom samaritano que viu, compadeceu-se e cuidou.

Nesta Páscoa vemos um mundo diferente, mundo que ensaiamos em todo Natal e que agora é mais do que um ensaio. É, sim, um mundo novo. E eu penso que passado esse tempo de medo, susto, dor e sofrimento, partamos para um mundo real e perpetuamente novo como quis Jesus ao morrer na cruz e ressuscitar. Feliz Páscoa a todos, meus irmãos do Ibaté.

(*) ANTONIO APARECIDO PEREIRA, Cônego (59/64), 76, ou simplesmente Pe.Cido, mineiro legítimo de Carmo do Rio Claro, ordenado presbítero em 18.12.1971, é Vigário Episcopal na Pastoral da Comunicação (PASCOM) e pároco na Paróquia N.S.das Dores, na Zona Norte de S.Paulo-SP. Trabalha no Jornal O SÃO PAULO. Na Rádio Nove de Julho (AM 1600 KHz); um de seus programas é o Construindo Cidadania (aos sábados, das 17 às 18h.), e, de 2a. a 6a. das 9:05 às 9:55, ele apresenta o maior índice de audiência da emissora que é o Bom Dia, Povo de Deus!, uma revista matinal com brincadeiras, músicas, participações dos ouvintes e bênção final. Para sintonizar, vá direto ao site <http://www.radio9dejulho.com.br/> e clique em "Ouça ao Vivo". padrecido@uol.com.br

ASSIM SOMOS NÓS?



Paulo Francisco Toschi*

“A educação claustral é triste em si e em suas consequências: o regime monacal, que se observa nos seminários, é mais próprio para formar ursos do que homens sociais. Dir-se-ia que o devotismo austero, a que vivem sujeitos os educandos, abafa e comprime com suas asas lóbregas e geladas naquelas almas tenras todas as manifestações espontâneas do espírito, todos os voos da imaginação, todas as expansões afetuosas do coração”.

“O rapaz que sai de um seminário, depois de ter estado ali alguns anos, faz na sociedade a figura de um idiota. Desazado, tolhido e desconfiado, por mais inteligente e instruído que seja, não sabe dizer duas palavras com acerto e discrição, e muito menos com graça e afabilidade. E se acaso o moço é tímido e acanhado por natureza, acontece muitas vezes ficar perdido para sempre”.

Calma, pessoal! Estou apenas copiando um trecho do capítulo IX do livro “O Seminarista”, de Bernardo Guimarães. Não são palavras minhas. Não representam minha opinião.

O presente artigo procura se referir aos que, tendo ingressado em um seminário menor tridentino, lá permaneceram por alguns anos, não seguindo para um seminário maior e, muito menos, não tendo se ordenado sacerdotes. Em nossa Turma do Ibaté, que congrega os que passaram pelo Seminário Menor (Médio) Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em São Roque, tivemos várias categorias de seminaristas:

Os que, vindos de Pirapora, ali deram curso à sua experiência como seminaristas menores; Os que, como eu, começaram sua vida de seminaristas naquela casa e lá permaneceram por alguns anos, tendo, depois, voltado para sua vida familiar; Os que, primeiro, foram seminaristas menores em Aparecida do Norte e, depois, foram transferidos para São Roque.

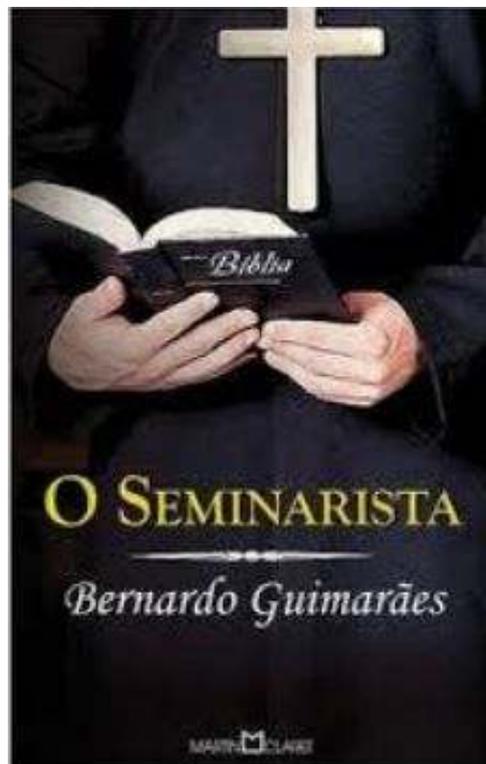
Os que, de São Roque, partiram para voo mais alto, seja fazendo Filosofia em Aparecida do Norte, seja se encaminhando diretamente para o Seminário Central do Ipiranga ou outro; Os que, depois de São Roque, tiveram experiência como seminaristas maiores, mas, deixaram de prosseguir, voltando à vida de leigos, já filósofos ou mesmo teólogos; Os que concluíram seus estudos e sua preparação, tornando-se sacerdotes, assim persistindo por toda sua vida; e, finalmente,

Os que abdicaram o sacerdócio, voltando à vida civil.

A quais destes, se é que cabíveis, se aplicariam as palavras de Bernardo Guimarães?

O autor do livro “O Seminarista” conta a história de um jovem Eugênio que foi para o seminário para atender à vontade paterna, ali permaneceu sem esquecer sua namoradinha de infância, e, finalmente, acabou concluindo o seminário, regressando à terra natal, para rezar sua primeira missa, mas voltou a encontrar Margarida, já moça, passando a viver os conflitos oriundos de sua clausura na casa de formação de sacerdotes. No seminário de Eugênio, os alunos nunca iam para casa, mesmo nas férias, a não ser em casos especialíssimos.

Bernardo Guimarães é mais conhecido por ser o autor do festejado livro “A Escrava Isaura”. Tornou-se, por sua competência e importância, o patrono da Cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em Ouro Preto, em 15 de agosto de 1825, e faleceu na mesma cidade, em 10 de março de 1884. Seu nome completo é Bernardo Joaquim da Silva Guimarães. Romancista e poeta, era filho de um poeta, João Joaquim da Silva Guimarães. Teve oito filhos, um deles também escritor. Bernardo Guimarães formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1851, tendo sido colega e amigo dos poetas Alvares Azevedo e Aureliano Lessa, com os quais fundou uma entidade literária denominada Sociedade Epicureia. Também foi Juiz de Órfãos. Dados obtidos na Wikipédia, na internet.



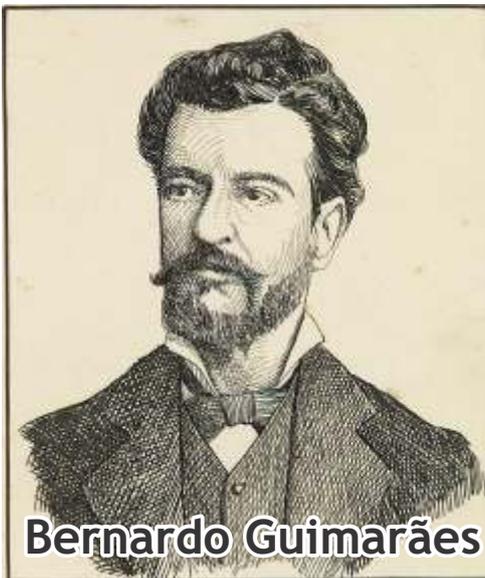
Embora haja vasta informação sobre a pessoa e as obras literárias de Bernardo Guimarães, não encontrei referência de que tivesse vivido em um seminário. De onde lhe vieram as informações sobre a experiência de viver em uma casa dedicada à formação de futuros sacerdotes? Talvez algum de nossos colegas, dos que se dedicaram com maior profundidade às letras, saiba dizer. Não importa. O livro relata uma vida em seminário que é diferente daquela que experimentamos. Assim diz, por exemplo, o Capítulo IV da obra literária: “Eis o nosso herói transportado das livres e risonhas campinas da fazenda paterna, para a monótona e austera prisão de um seminário no arraial de Congonhas do Campo, de barrete e sotaina preta, no meio de uma turba de companheiros desconhecidos; como um bando de anus pretos encerrados em um vasto viveiro”. Longe de mim fazer crítica literária, que disto pouco sei e outros doutos temos em nossa Turma do Ibaté. Mas, seria bem engraçado se, no meu Palavra de Seminarista, ao descrever nossa chegada a São Roque, em 1949, eu afirmasse que os Atílios, os Jolys, os Giuntinis e outros como eu, o Toschi, estivéssemos todos,

como anus pretos, de barrete e sotaina. Meninos de 10 e 11 anos já de batina e de chapéu de três bicos? Claro, não foi assim. Mas, em algumas coisas o autor Bernardo Guimarães acerta: “Que mudança radical de vida!... Que meio tão diferente daquele em que até então tinha vivido!... Essa transplantação devia modificar profundamente a existência do arbusto tão violentamente arrancado do solo natal.” Não digo que eu tenha partido para o Ibaté por conta de violência. Não o foi. Fui consentidamente. Desejei ir. Mas, se não houve imposição, houve convencimento, isto sim, por longos 11 anos. E, de lá saí, tal como o personagem do livro, o Eugênio, quando criei coragem, mais forças que coragem. Eu diria que, para mim, foi mais difícil sair do seminário do que lá entrar.

O presente artigo não se aplica aos colegas que chegaram ao Seminário Maior. Trato aqui dos que “arrepriaram” antes disso. Porque foi? Gostou de ter ido? Porque saiu? Feliz por ter saído? Triste por ter sido impedido de continuar? O que representou para você ter passado alguns anos de sua adolescência e começo de juventude nas colinas do Ibaté? Alimentando saudosismo confidenciado ao Saboó? Ansioso pelos curtos momentos de Deo Gratias? E tudo mais? E põe “tudo mais” nisto!

Sou interessado em estudar a influência da vida em seminário sobre a existência de cada um de nós. Sei o que essa experiência representou para mim. O quanto teve de bom. O quanto teve de ruim. Até hoje, sinto-me um ex-seminarista e

muitos assim me veem, já passados quase 70 anos. Gostaria de conhecer o que têm a dizer outros colegas, do meu tempo e de tempos posteriores. Evidentemente que muitos não hão de querer algo dizer identificando-se. Mas, bem que poderiam e eu gostaria de receber depoimentos escritos, mesmo sem maior identificação, falando da sua experiência pessoal: Como sua vida de seminarista menor, saído de casa ao desabrochar da adolescência, influenciou, positivamente ou negativamente, em seus já longos anos de existência? Se eu recebesse muitas informações, creio que poderia tentar um estudo sobre isto. Caso algum colega queira colaborar, contando-me sua experiência, ainda que anonimamente, meu endereço para correspondência é Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi, Rua Itapura, nº 129, CEP 03310-000, Vila Gomes Cardim, São Paulo (SP). Prometo divulgar e comentar os resultados dessa pesquisa sem qualquer tentativa de identificação. Querem saber minha opinião? Leiam o “Palavra de Seminarista” que está no link <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibat> e Mais direi ao divulgar o estudo, caso venha a concluí-lo.



Bernardo Guimarães

Em tempo: se algum colega quiser ler o livro “O Seminarista”, de Bernardo Guimarães, está a venda, a preços módicos, em vários sites do ramo, na internet. Eu o adquiri numa loja do Shopping Penha que vende livros interessantíssimos, de vários autores, inclusive clássicos, todos pelo preço único de R\$ 10,00 cada. São livros novos e bem encadernados. Não ganhei nada para fazer propaganda, mas a loja é da Ciranda Cultural.

(*) Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi (82) é bancário aposentado, formado em Direito, um dos fundadores do Seminário do Ibaté, onde esteve de 1949 a 1953, e escreveu o livro “Palavra de Seminarista” que se encontra no link das edições do Echus do Ibaté e de outras publicações de interesse da Turma do Ibaté. <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibat> paulofranciscotoschi@yahoo.com

NÃO DEIXE O ECHUS MORRER!!!

É de conhecimento público que o Echus vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores o adoram e não perdem dele uma só leitura... queixam-se quando ele atrasa e gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal é fator de unidade da gloriosa *Turma do Ibaté*, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros.

Vive tu, Echus do Ibaté, para o consolo dos homens!
E como fazê-lo?

Não é nada difícil: valores pequenos, valores médios, valores altos. Faça doações! Sem elas, nada feito, e o Echus não sobreviverá. Seu diagnóstico atual é bastante sofrível, deveras. E o prognóstico, nem falar... pelo andar dessa carruagem, ele não conseguirá nem mesmo se aproximar do Saboó, pois suas pernas estão muito fracas. A subida desse sagrado morro encontra-se quase rente ao universo das impossibilidades. E é sempre lá, do alto dessa montanha, que costumamos anunciar e convidar a todos para que participem de nossos também sagrados Encontros Bi-anuais, que, aliás já se aproximam... observe que em breve será iniciada a tradicional contagem regressiva. Será que conseguiremos??

Sim, continue com as doações, não pare, não! No entanto, temos uma sugestão, sobretudo para aqueles que sentem o desejo de colaborar, mas que tem dificuldade em colocar isso em ação: autorize seu banco, pessoalmente ou pela internet, a realizar um **débito automático de sua conta pessoal** e creditar esse valor na conta do seu Echus do Ibaté. Faça com que isso ocorra mensalmente, em valor que lhe seja acessível. Decida o *quousque tandem* ou siga o exemplo de alguns colegas, aplicando por *sine die*. Dessa forma, seu desejo de contribuir será atendido, você não se sentirá em falta e esse instrumento poderá ressuscitar e continuar cumprindo sua função de alegrar todos nós. Experimente! Aceite nossas sugestões. Todos ficarão satisfeitos e não mais seremos afogados por esse sentimento de abandono e ameaças constantes de morte.

Eis nossos dados bancários:

- Banco Bradesco (237)
- Ag. 3191 - Conta corrente 14399-5
- Em nome de Carlos Domingues Cosso - CPF 024.626.218-49

Somos gratos e desejamos a todos FELIZ PÁSCOA

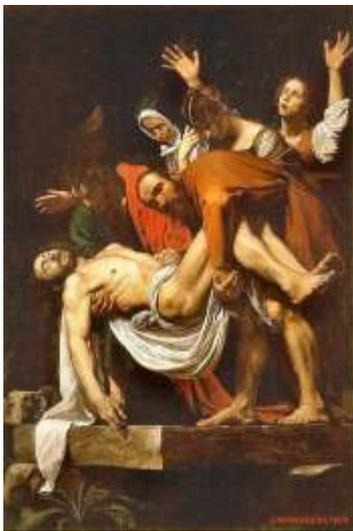
JOSÉ DE ARIMATEIA



AUGUSTO JOSÉ CHIAVEGATO *

Jerusalém situa-se em planalto nas Montanhas Judeias, entre mares Mediterrâneo e Morto, altitude de 760 m, destacando-se os Monte das Oliveiras e o Monte Scopus.

O clima é mediterrâneo, em dias de verão, seco; no inverno, frio, raramente cai neve. Em Nisã, (abril), inícios da primavera, ainda amendoeiras não floresciam, no meio em o verde escuro dos pinheiros e oliveiras. À tarde, José de Arimateia foi procurar Pilatos pedindo o corpo de Jesus admirando-se que morrera tão depressa. Chamou o centurião, confirmada sua morte, mandou dar-lhe o corpo. Depois de ter comprado um pano de linho, José tirou-o da cruz, envolveu-o no pano com os aromas e depositou-o num sepulcro escavado na rocha, em que ninguém ainda fora depositado rolando uma pedra para fechar a entrada e foi-se embora, antes que a noite chegasse. Corta.



Todas as estradas levam a Roma – quando era o símbolo do poder, era o umbigo do mundo. Nunca vi uma estrada triste, gosto-as especialmente à sombra, fim de tardes, noite e madrugada, hora de gente nascer e morrer, antes que nasça a manhã. A estrada leva a tudo que a gente quer, a uma igreja, a uma casa, chaminé de fumaça branca acenando calor, cheiro de viver e amar. Hoje defino que todas as estradas levam a Jerusalém. Inventaram-se muros a fechar cidades, s i m u l t a n e a m e n t e

construíram ao menos uma porta que se fecha e abra, estradas que chegam e partem em rumos de horizontes. Em tempos de Neemias, Jerusalém tinha um monte de portas, doze. Hoje, oito, com outros nomes. Em tempos de Jesus, não pesquisei número e nomes de portas que no fundo não nos interessa. O evangelista cita a Porta das Ovelhas (João 5,2), seguramente tinha a Porta dos Peixes que me interessa nesta crônica. Era uma portona de madeira de cedro de Líbano de fora e dentro talhados em aramaico que traduzo: PUSCH / PULL Junto a ela, fica o mercado de peixe, a maior confusão e cheiro que vou te dizer! Peixeiros traziam mercadorias do Mar Galiléia, ou Lago de Genesaré, ou do Rio Jordão, deste só peixes miúdos, lambaris pescados a vara por amadores aos fins das tardes, tomando pinga e fumando a espantar pernilongos. A categoria dos peixeiros era a mais forte, em número de membros. Sindicato não tinha, romanos não permitiam desde o tempo da ocupação no 63 A.C. , reuniam-se junto à porta e a um barzinho não longe, pouco mais a uma pedrada de bodoque, tomando umas pingas e comendo iscas de peixes. Quando morava em Nazaré, Jesus nunca fora visto por lá. Depois, em vida pública, vira e mexe pintava por lá. Aliás,

escolheu entre pescadores, apóstolos e discípulos. Uma noite, José Arimatéia acompanhou Nicodemos a encontrar Jesus, aos escuros que se pelava de medo dos judeus. Esse bar era frequentado por pescadores, pobres, ricos e ate umas prostitutas, entre elas, uma tal de Maria, uma coisa, que mulher! Longos cabelos e olhos negros a derrubar fortes santos, mas incautos e velhos já indo a fogo morto. Dizem que viera de Magda, divergem autores, não importa, coincidiam em beleza e de nos demais. Fariseus lá não iam, de jeito nenhum, quando queriam mulher, iam chamar num sombrio tipo motel na estrada de Samaria. E maldiziam de Jesus: esse aí anda com beerrões e prostitutas, cruz! – e cuspiam de lado. José vinha de Arimathaim, onde provavelmente nasceu o profeta Samuel, quando se registra Ramataim, posteriormente mudou de Rentis, para ver se progredisse, mas num teve jeito, séculos passaram e ventos levaram, evaporou-se. Hoje, consta Lida ou Lod, onde se localiza o internacional aeroporto de Israel Ben Gurion. José possuía um pequeno latifúndio, velho jeito de judeus de esconder propriedades a escapar de impostos, embora era honesto. Apenas disso, nunca se deu bem com Mateus, quando se chamava Levi o coletor, que fazia a praça de Cafarnaum. A diferença entre eles não era o problema de impostos, mas por causa de Herodes. Este era chefe de Mateus. José Arimatéia não suportava Herodes, por razões políticas, amigo de Pilatos. Mas, voltemos ao pequeno latifundiário. Gente, o cara tinha terras, léguas e léguas até lá onde nasce o rio Jordão, para chegar ao fim das terras, passava por dezessete porteiras! O forte dele era a produção de azeitonas das graúdas, exportava cheios de containers do armador Jonas, naturalizado grego nascido de Gate-Hefer, junto a Nazaré. A Naves Jonas tinha sede em Nínive, hoje, Mozul, ponto estratégico comercial entre Mediterrâneo e o Índico. A companhia se ostentava a tradição desde 750 A.C. quando a fundara Jonas. José vinha de família humilde, gostava de dizer aos clientes gregos: me fiz de si mesmo – arranhando o grego a que o correto era: self-made man. Antes que me esqueça, dizem que era irmão de Joaquim, pai de Maria, avô tio de Jesus, é mole?! Voltemos ao currículo moral: corretíssimo. Certa vez perdeu um negócio de grande partida de trigo para fornecer o exército romano sediado nas Gálias, conduzido por Cesar (cf. o De bello gallico). Pedágio não pagava, uns diziam que era um trouxa. Jesus olhava dentro, os profundos das pessoas, despia-os de velhas roupas a resplandecer um coração pobre, sem orgulho e ostentação apesar poderoso político membro do Sinédrio. Disseram que foi senador pela Judeia em Roma, outros, decurião, espécie de ministro das exportações de chumbo e estanho. Não sei, aí já estamos caindo em lendas, entre incensos de desvarios, quem sabe, verdades escondidas. A igreja venera José Arimatéia no dia 31 de agosto, padroeiro dos coveiros e embalsamadores. Cansado o retrataram em fins de vida, todos os bens entregues aos pobres, sem um menor traço de um coração de rico, nada guardando para si, nem o sudário, nem o Santo Graal, lembranças do rosto indelével no lençol de Jesus, cálice de vinho e sangue. Santo José Arimateia, colhendo em seus braços Jesus morto e o deixou em seu sepulcro e em nossos corações. A semente.

* Augusto José Chiavegato, 85, ex-aluno do Seminário do Ipiranga (54/57). Jornalista, poeta, professor, filósofo, teólogo. Por muitos anos lecionou do Seminário Central e na Puc-SP. Hoje está aposentado e mora em São Paulo 11-3873.1114 augustochiavegato@globocom

RETIRO ESPIRITUAL

José Moreira de Souza*



Embalado pelo espírito do Carnaval presente em nosso Echus anterior, apresento para meditação de nossos companheiros, nesse especial momento de celebração do Dia Internacional da Mulher, o poema *Anátema* do padre José Severiano de Rezende**, publicado no livro *Mistérios*, selecionado pela poetiza Henriqueta Lisboa. Severiano abandonou o sacerdócio e viveu conflitos profundos expressos nos poemas *Ode ao ódio*: “Horrenda goela que vociferas”; *Treno*:

“Ah! Senhor, a mulher, porque a fizeste vária
E nela concentraste a onda móbil do Instinto?”

Ao relacionar o ex-padre Severiano, essa grande poetiza, junto nesta roda também o poeta Mário de Andrade, que dedicava grande afeto a Henriqueta, e nosso Letterio Santoro, também grande admirador seu. Peço que todos meditemos sobre nossos anos de formação. **Somos filhos de Eva!**

O poema "Anátema" exibe o núcleo do conflito entre a multidão de Evas e a solitária Virgem Maria. Haja recursos simbólicos para o contraste da sedução! O estribilho é genial:

Fora a mulher! No seio dela, como
numa confusa e esfumada usina,
grunhe do Egoísmo o multifário assomo
e a planta má dos germinais germina.

Bem-me-quer... mal-me-quer...
Fora, fora a Mulher!

Fora a mulher! No seio dela, como
num ruim pomar, onde apodrecem frutos,
brota e sazona o deletério pomo,
que a orbe divide em lutas vãs, e em lutos.

Mal-me-quer... Bem-me-quer
Fora, fora a Mulher!

As estrofes fazem alternar o **bem-me-quer** da mãe Eva ao **mal-me-quer** do instinto, até alcançar o impossível da Mulher, que paira acima de todas as contradições:

Vós, porém, panacrante e pantocrata
Calculadora de tartáreas serpes,
Refulgurante de estelares nimbos,
Esbanjadora perenal de auroras,
Lirial alviçareira de aleluias.
Eleita e pura
Santa e bendita,
Olhai lá da altura

a raça precita:
Ao fêmeo rebanho
Jorrai graças de antanho:

Os passos desviái da treva
Às miseras Filhas de Eva:

(...)

E que enfim A Mulher,
Esparso mal-me-quer,
Seja simples, serena e compassiva e bela,
Sob a cerúlea umbela!



* **José Moreira de Souza, 79**, (55-59) Sociólogo e escritor. Professor aposentado da UFMG. Atualmente dedica-se às letras e há muitas décadas, ao Folclore (Membro da Comissão Mineira de Folclore), além de emérito conhecedor da cachaça mineira - (31) 3386.1290 zedeflora@gmail.com

** **José Severiano de Rezende**, poeta simbolista, nasceu em Mariana, Minas Gerais, a 23 de janeiro de 1871 e faleceu em Paris no dia 14 de novembro de 1931. Iniciou estudos de Direito, dedicou-se por certo tempo ao sacerdócio, passando ao jornalismo emudando-se para Paris - casou-se com uma francesa - onde redigia a seção "Lettres brésiliennes" do *Mercure de France*. Polemista e panfletário, teria vivido na pobreza. Sua obra poética está consolidada no livro *Mistérios* (1920), que vão dos temas amorosos aos religiosos, além de poemas sobre animais.

Pitadinha de Literatura

Uma vez mais, temos aqui a honra de receber sugestão para esta coluna por parte do amigo ibateano **CLÁUDIO GIORDANO** (80, 1951/57, SP-SP), incansável pesquisador, guardião e divulgador de obras literárias raras e de excelente qualidade, que foram desperdiçadas em meio ao caminho editorial. Giordano foi um dos fundadores, editor e presidente da *Oficina do Livro "Rubens Borba de Moraes"*, instalada em São Paulo-SP, que tinha por finalidade trabalhar em prol da recuperação e preservação da memória cultural manifestada através da palavra escrita. Hoje seu acervo (40.000 itens), aberto ao público para visitas e pesquisas, encontra-se na Biblioteca Central Cesar Lattes da Unicamp (Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421, Campinas-SP - 19-3521.6464). Recentemente criou a *Revista Bibliográfica & Cultural*, que conta com o apoio da Imprensa Oficial-SP, e é de seu no. 4, junho 2019, que transcrevemos o presente texto, criado por **SIMONE DE BEAUVOIR** (1908-1986), escritora, intelectual, filósofa existencialista e ativista política, feminista e teórica social francesa. Trecho extraído de sua obra fundamental, *O Segundo Sexo*, 1949, u a análise detalhada da opressão sobre mulheres, um tratado fundamental do feminismo contemporâneo. Suas ideias tratavam de questões ligadas à independência feminina e o papel da mulher na sociedade, defendendo sempre que cada um é responsável por sim próprio.



"A impressão que eu tenho é de não ter envelhecido, embora eu esteja instalada na velhice. O tempo é irrealizável. Provisoriamente, o tempo parou para mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida. Unicamente, o sabor da minha vida. Acho que eu consegui fazê-lo. Vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos."

SIMONE DE BEAUVOIR E A MULHER

"Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-la pelo "eterno feminino" e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher"

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade; sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "E um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina em seu sexo.

A mulher é adaptada às necessidades do óvulo mais do que a ela própria. Da puberdade à menopausa, é o núcleo de uma história



que nela se desenrola e que não lhe diz respeito pessoalmente. Os anglo-saxões chamam a menstruação de the course, "a maldição": efetivamente, não há nenhuma finalidade individual no ciclo menstrual.

Quase todas as mulheres - mais de 85% - apresentam perturbações durante esse período. A tensão arterial eleva-se antes do início do corrimento sanguíneo e baixa a seguir; o pulso acelera-se e a temperatura sobe [...] A mulher torna-se mais e motiva, mais nervosa, mais irritável que de costume e pode apresentar perturbações psíquicas graves. É nesse período que ela sente mais penosamente seu corpo como uma coisa opaca e alienada; esse corpo é presa de uma vida obstinada e alheia que cada mês faz e desfaz dentro dele um berço, cada mês, uma criança prepara-se para nascer e aborta no dismantelamento das rendas vermelhas; a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa.

Contrariamente a uma teoria otimista, cuja utilidade social é demasiado evidente, a gestação é um trabalho cansativo que não traz à mulher nenhum benefício individual e exige, ao contrário, pesados sacrifícios.



Fille devant un miroir - Pablo Picasso, 1932

É ainda através de uma crise difícil que a mulher escapa do domínio da espécie; entre quarenta e cinco e cinquenta anos desenrolam-se os fenômenos da menopausa, inversos aos da puberdade. A atividade ovariana diminui e até desaparece. Esse desaparecimento acarreta um empobrecimento vital do indivíduo. Supõe-se que as glândulas - tireoide e hipófise - esforçam-se por suprir as insuficiências do ovário. Observa-se, então, ao lado da depressão, da cessação do mênstruo, fenômenos intempestivos: baforadas de calor, hipertensão, nervosidade; há por vezes recrudescência do instinto sexual. Certas mulheres acumulam gorduras em seus tecidos; outras virilizam-se. Em muitas, um equilíbrio endócrino restabelece-se. Acha-se, então, mulher libertada da servidão da fêmea; não é comparável ao eunuco, porque sua vitalidade continua intacta. Entretanto, não mais é presa de forças que a superam: coincide consigo mesma. Já se afirmou que as mulheres idosas constituem "um terceiro sexo" e, com efeito, não são machos e não são mais fêmeas, traduzindo-se amiúde essa autonomia fisiológica por uma saúde, equilíbrio e vigor que antes não possuíam.

Para nós, a mulher define-se como um ser humano em busca de valores, no seio de um mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo.

[O segundo Sexo. Ed. Nova Fronteira, 1980]

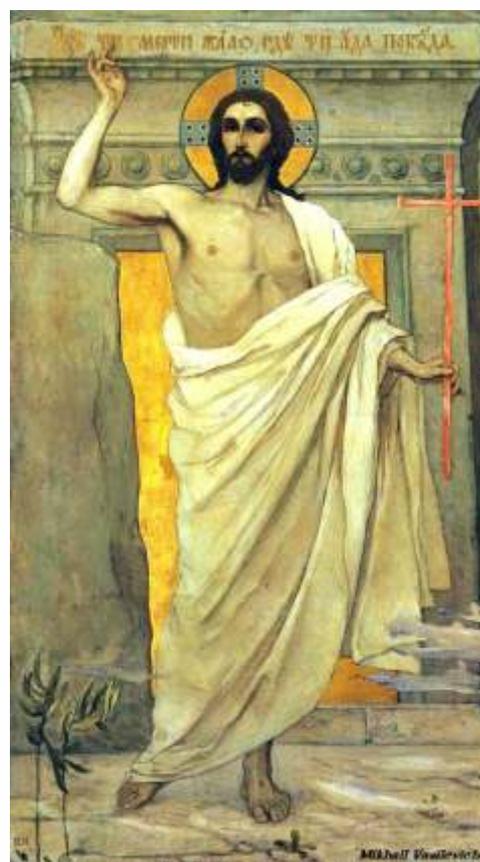
RESSUSCITOU

A casta e alegre luz da madrugada sobe, cresce no azul vibrante e pura, enquanto ao despertar da passarada, repousa o Salvador na sepultura.

Esvai-se, pouco a pouco, o silencioso e tétrico pavor que a morte trouxe, já algo de celeste e misterioso, envolve o matinal festivo e doce.

E súbito prorrompem ledos hinos, na glória singular daquele instante; pois belo como os raios matutinos,

Em brancos arrebóis de sinfonia, da morte vencedor e triunfante, Jesus ressuscitou da tumba fria.



Joel Hirenaldo Barbieri, 82, 51/58.
Imortal da Academia Taubateana de Letras
(12-3632.6014) joel.hirenaldo@terra.com.br



Em São Roque tem Seminário/Ibaté- formação,
Saboó, diversão, e agora,
Don Patto, que está de portas abertas
para recebê-los com um delicioso almoço
e um dia incrível de atrações.

- Culinária Portuguesa e Italiana -

Estrada do Vinho, km 2,5 – São Roque-SP
(11) 4711-3001
www.viladonpattro.com.br

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

Prezado leitor, ocupe plenamente este espaço. Dê mais vida ao Echus do Ibaté!

Ele é reservado para sua participação.

Envie-nos suas sugestões, comentários e críticas:
todos queremos conhecer seu ponto de vista

De Paulo Francisco Toschi (49/53) - Em nome de minha mulher, Fleuri Julia Auta Fonseca Nascimento, de minhas filhas, Paula Cristina e Ana Carolina, e de minha neta Amanda, incluídas nas fotografias, e no meu, agradeço, assim como todas elas também agradecem, a homenagem tão carinhosa prestada pelo Ibaté, através do Antonio Carlos Corrêa, o que encheu de orgulho todas as mulheres da família. Muitíssimo obrigado. Retribuímos as saudações a todas as outras valorosas mulheres ibateanas. Fleuri Julia, Ana Carolina, Amanda e Paulo Toschi. 06.03.2020 São Paulo-SP paulofranciscotoschi@yahoo.com

De Roberto Delgado de Carvalho (57/59) - Mosca, Correa e todos que colaboraram nesta linda homenagem! Agradecido e agradecida, falando em nome da Gislene. Boas comemorações! E força para as mulheres e para todos que lutam pelo direito das mulheres ! Abraços. 06.03.2020 São Paulo-SP delcarv@uol.com.br

De Antonio Carlos Marques (60/65) - Obrigado pelo zelo e consideração desses incansáveis organizadores e arautos da amizade e do bem. Minha esposa adorou, e nos emocionamos com a bela homenagem. Fraternal abraço. 08.03.2020 São Paulo-SP marqac1@gmail.com

De Vladimir Merlo Garcia (64/66) - Bom dia, em nome de minha esposa agradeço a homenagem prestada pelo dia internacional das mulheres. Aproveito pra manifestar minha satisfação ao ver que minha foto com minha esposa que está em um dos quadros de fotos. Grande e fraternal abraço. 15.03.2020 Sobradinho-DF vladimirmg@hotmail.com

De Antonio Wenceslau Alvarado (56) – Wilson, gracias por el mensaje. Perdona mi atrevimiento mas ¿Puedes mandarme alguna noticia o endereço de Jurandir Amadi? Gracias por la información. Aquí ahora vivimos en una asfixiante psicosis por causa del covid-19. Ni siquiera podemos salir a la calle. Deseo que no os ocurra algo semejante. Aquele abraço Alvarado e Emma. 15.03.2020 COSLADA (MADRID)-ESPANHA wencesyemma@wanadoo.es



*Passei toda a noite, sem dormir, vendo,
sem espaço, a figura dela,
E vendo-a sempre de maneiras diferentes
do que a encontro a ela.
Faço pensamentos com a recordação do
que ela é quando me fala.
E em cada pensamento ela varia de
acordo com a sua semelhança.
Amar é pensar.
E eu quase que me esqueço de sentir
só de pensar nela.
Não sei bem o que quero, mesmo dela,
e eu não penso senão nela.
Tenho uma grande distração animada.*

*Quando desejo encontrá-la
Quase que prefiro não a encontrar,
Para não ter que a deixar depois.
Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero.
Quero só pensar nela.
Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.*

Alberto Caieiro (Fernando Pessoa)

Colaboração: Cláudio Giordano

NA CASA DO PAI

Faleceu no dia 11.03.2019, aos 70 anos de idade, o ibateano Zeferino Luiz Batista (62/63).

Faleceu no dia 07.03.2020, aos 80 anos de idade, a Sra. Maria Francisca, esposa do colega ibateano David de Moraes (49/54).

Faleceu no dia 24.03.2020, aos 84 anos de idade, Mons. Carlos de Souza Calazans. Pároco Emérito da Basílica de N.S. da Penha. Ordenou-se presbítero em 08.12.1964. Iniciou o seu ministério como Vigário Paroquial da Catedral da Sé. Atuou, também, nas paróquias Nossa Senhora do Brasil e São João Evangelista, na Casa Verde. Em 5 de maio de 1974 foi nomeado Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Penha, função que exerceu por cerca de 40 anos. Foi colega de vários colegas ibateanos no Seminário Central do Ipiranga.



Zeferino Luiz Batista



Mons. Calazans

Para-choque do Caminhão do Ibaté

*Mãe, Esposa,
Profissional, Amiga,
Guerreira:
MULHER, UMA DÁDIVA DE DEUS.*



© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Causas públicas, trabalhistas, cíveis e comerciais,
com especialização em direito da família, imobiliário e contratual.

Constituído por 4 advogados, todos eles com, no mínimo, vinte anos de experiência:

Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral, Dr. Didio Augusto Neto,
Dr. Fabiano de Sampaio Amaral e Dr. Beraldo de Toledo Arruda.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 - 3242-4903 - 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

Atendimento VIP para integrantes da Turma do Ibaté



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489



Dependência de álcool e outras drogas?

Entre em contato com o **Roberto Oliveira da Silva** Psicólogo com vários cursos na área da Dependência Química.

Dá assistência aos familiares, amigos e para o usuário.

EVITE situações que façam aumentar o sofrimento para você e para as pessoas que você ama
- faça a sua parte: procure ajuda.

O **Roberto** é do nosso time - **Turma do Ibaté (1970 - 1973)**

Ele convive com a complexa questão da Dependência Química há 8 anos. Seu trabalho é voluntário (gratuito) no Instituto Pinderê há 11 anos.

WhatsApp 11-95431-4413 - Tim | 11-98851-6786 - Claro | Instituto Pinderê - 11 5511-8153 (falar com a Bia)
e-mail: ccicm22@gmail.com

PARA VOÇÊ SE DELICLIAR NAS HORAS VAGAS

LINKs das fotos dos quatro últimos encontros e de todas as edições do ECHUS DO IBATÉ

XI ENCONTRO

<https://www.flickr.com/photos/73582934@N08/sets/72157635493559385/>

XII ENCONTRO

<https://goo.gl/photos/DCQCS9bMtPzr3Lp67>

XIII ENCONTRO

<https://goo.gl/photos/rCwQEblESECeVshL9>

XIV ENCONTRO

<https://photos.app.goo.gl/CWDnsAkYjXstD6Re7>

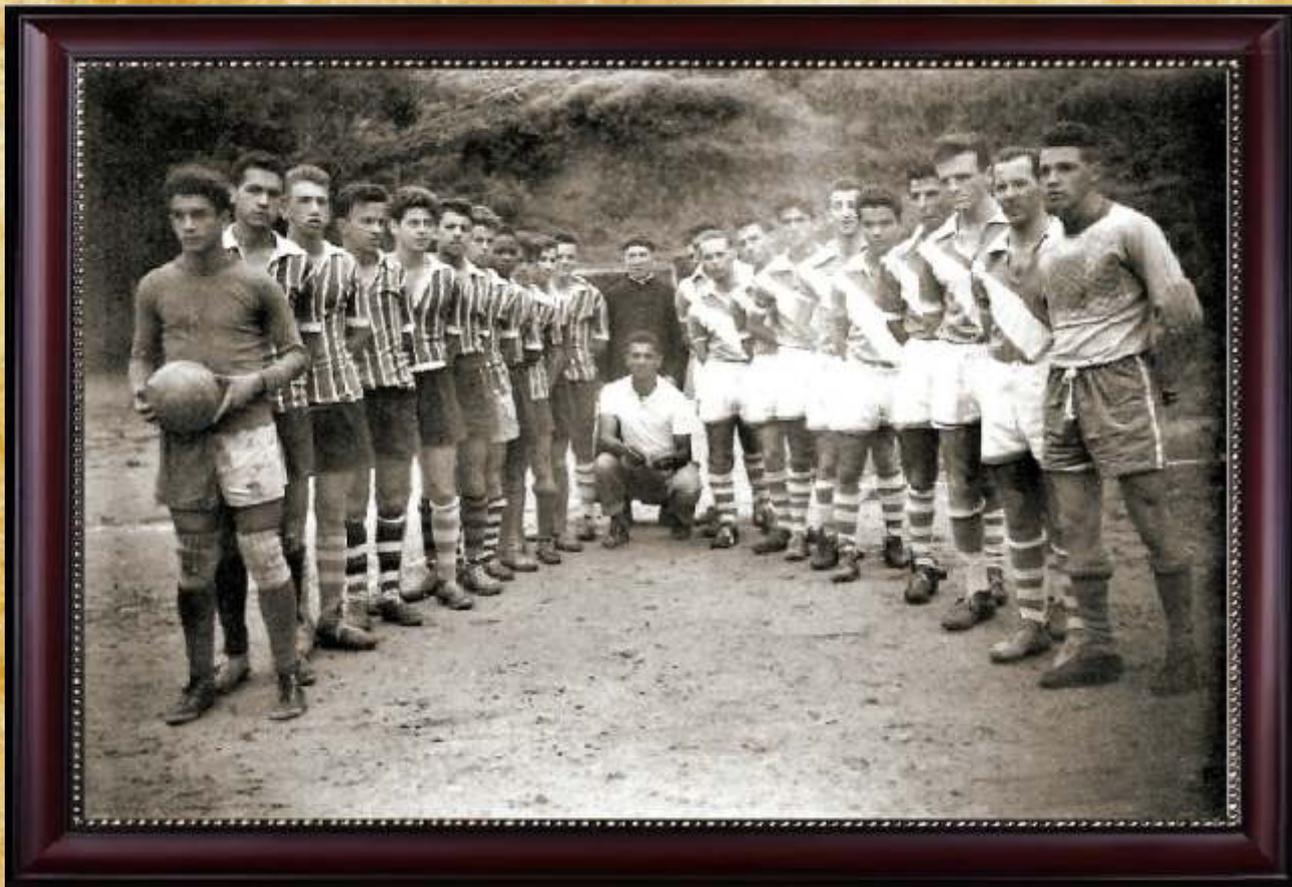
EDIÇÕES ECHUS DO IBATÉ

<HTTP://177.103.223.197/EchusdoIbate/>

HOMENAGEM DO ECHUS AO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

<http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate/mulher/dia-internacional-mulher-homenagem-ibate.pdf>

PHOTANTQUA



No Ibaté, futebol era coisa muito séria!

Não apenas em Pirapora, in illo tempore, por onde muitos meninos passaram - como vimos, nessa mesma edição, ao ler artigo do saudoso Antonio Pezzotti -, mas também em São Roque. O futebol "segurava as pontas". É incontável a quantidade de seminaristas que se mantiveram firmes no propósito de desenvolver sua vocação para o sacerdócio e também daqueles que não expressaram aos padres-superiores seu desejo de voltar para casa, embora o quisessem, exatamente por que podiam compenetradamente praticar o esporte bretão - e também outros tantos esportes: para estes, eram suas queridas mães que de fato desejavam ser padres, razão maior para que ao seminário fossem encaminhados. A Diocese, com espírito de verdadeira assistência social, muita paciência, prudência e bom senso, tolerava essa realidade, pois de antemão julgava necessário e estimava que, no máximo, 5% de seus aspirantes chegariam à Ordem. E todos eles, ordenados ou não, aprenderam bastante e são por isso muito gratos até hoje, reconhecendo o grande privilégio; estudaram, tiveram muito bom comportamento e aplicação, receberam ótima formação, humanizaram-se consideravelmente e tornaram-se os grandes homens que foram e são hoje em nossa sociedade. E é evidente que, por tanta reverência e prática durante anos e anos, existem muitos sacerdotes que são verdadeiros craques, não apenas em seus sagrados ofícios, mas também na bola, grandes "boleiros" eles são. Dê-lhes uma bola e observe o que acontece!

Essa fotografia faz parte do acervo do grande ibateano Prof. Dr. Getulino do Espírito Santo Maciel, um dos maiores jogadores que São Roque teve a graça de receber em seus gramados e competições, cuja epopéia futebolística já foi narrada no Echus 105. Seu médico recomendou-lhe Ginkgo Biloba; tomou-o direitinho, nas horas certas, mas por infelicidade a recuperação de sua memória não foi o suficiente para que pudesse identificar aqui todos os jogadores desses dois times completos, exceto ele mesmo, que é o quarto jogador na fileira da esquerda. O leitor poderá se habilitar a nos enviar suas sugestões, podendo ganhar uma bola de brinde, que lhe será entregue pelas mãos do próprio amigo Getulino em cerimonial próprio em nosso próximo Encontro em São Roque. O ano parece ser 1958 ou 1959.

PARÓQUIA DAS TROVAS

Ah! mulher! tão doce e bela,
foi de Deus sua obra pura,
que, encantado tanto dela,
quis por mãe tal criatura.

Antônio Jurandyr Amadi (Kiro/Engenheiro) (51/57)

Mulher, tão bela e formosa,
parece um botão de flor,
ou a pétala de rosa,
que se guarda com amor.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Mulher caminho escolhido
para dar Jesus ao mundo
é prova de um Deus movido
por amor, belo e fecundo.

Alfredo Barbieri (49/53)

Deus me deu mais de 80 anos
junto, deu-me esse mister:
colocar-te nos meus planos
e cuidar de ti, mulher!

Jaime Pina da Silveira
Ex-aluno do Colégio São José
Pouso Alegre, MG - Padres Pavonianos

Ficou pronta a criação
sem um defeito sequer,
e atingiu a perfeição
quando Deus fez a mulher.

Eva Reis
Convidada Especial
Coadjutora da Paróquia

Todo o homem hoje em dia
é do sexo que quiser...
quero vê-lo é parir cria
tal qual faz uma mulher.

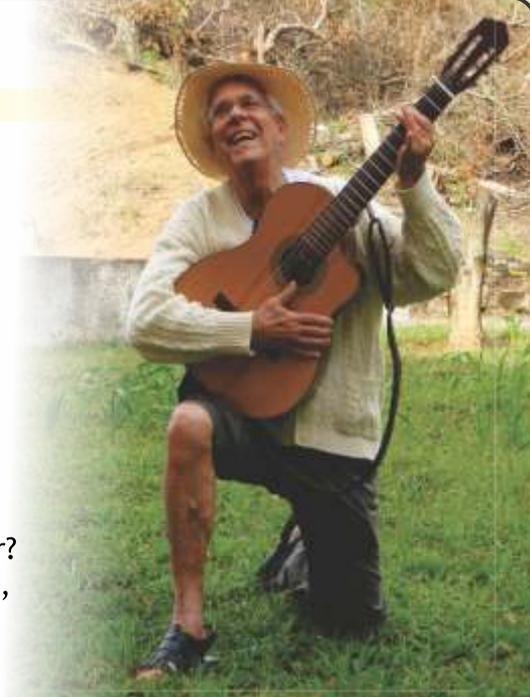
Carinho, encanto e ternura,
quem, na verdade, não quer?
Vai encontrar quem procura,
ao lado de uma mulher.

Deus, Senhor onipotente,
da mulher, não prescindiu
fez dela um ser atraente,
nosso mundo coloriu.

Minha mulher não é “minha”
e dela, eu também não sou.
E ela, sem mim, não caminha
não sei, sem ela, aonde vou.

Meu mundo foi devastado
não por um vento qualquer;
foi passagem de um tornado
que tem nome de mulher.

Campos Sales, 2012
“Magnífico Trovador”-Convidado
Especial-Coadjutor na Paróquia



Envie-nos você também a sua trova



ECHUS 085 - MAI-JUN.2006

ANTONIO IVO PEZZOTTI (ex-aluno do Seminário de Bom Jesus de Pirapora, turma de 1943 - S.Paulo-SP) - Caríssimo Correa, desculpe-me pela demora. Faz tempo que desejava agradecê-lo, mas sempre deixava tudo para amanhã, mas o amanhã tinha sido ontem... Por certo você vai perdoar-me. Posso, todavia, explicar e justificar a mencionada demora. Após uma cirurgia, o diagnóstico foi um câncer no intestino. Graças às orações de dezenas de freiras e de amigos ex-seminaristas e muitos conhecidos, Deus resolveu ouvi-los, e os quimioterápicos estão produzindo os efeitos positivos. A sua nímia gentileza em enviar-me o *Echus do Ibaté*, parece incrível, tem ajudado até na minha recuperação. Cada vez que eu o leio, encontro-me comigo mesmo! Revejo o meu saudoso Seminário de Pirapora onde durante 6 anos, de 1943 a 1948, vivi num mundo que só existia para nós, os seminaristas. 'Onde a verdade era verdadeira, onde o futuro era o presente, onde eu desfrutava um cenário em que o canto do sabiá cantava na voz do silêncio. Aqueles recreios, agora tristes e vazios, assistiram ao término feliz da minha infância e os primórdios da minha juventude, que não volta mais! Como quase todos os professores-padres de São Roque foram ex-alunos de Pirapora, conservaram as mesmas tradições, inclusive, as matérias ministradas, as orações, a banda, as festas de palco, etc., sinto-me hoje, também, um privilegiado ex-aluno de São Roque. Aliás, esse elo, para minha felicidade, continua por escrito nas várias, cultas e confortadoras cartas que tenho recebido do dileto amigo Antonio Jurandy Amadi, ex-aluno de ambos seminários. Reiterando os meus agradecimentos, receba um grande amplexo "ex immo cordis" do amigo.

O FUTEBOL NOS SEMINÁRIOS DE PIRAPORA E DO IPIRANGA

ANTÔNIO IVO PEZZOTTI (Pirapora-43) - convidado especial (*)

Hoje, passados tantos anos, posso afirmar-lhes: fui para o seminário de oferecido; Deus não me chamou! Aluno irrequieto, indisciplinado, comecei a melhorar o meu comportamento quando foi permitido o jogo de futebol no seminário. **D. José Gaspar, então arcebispo de São Paulo, o havia proibido nos seminários da arquidiocese.**



A notícia da permissão veio no ano de 1944, pelos pés do **Cônego Oto van der Burgt**. Ele chegou silencioso no recreio e chutou para o alto a bola. Os alunos, menores, grandes e maiores, quebrando a férrea disciplina, juntaram-se todos pulando de alegria, batendo palmas e dando vivas ao Cônego Oto e à bola. Ela se transformou no sonho que eu sonhava, na lua redonda que teimava em aparecer nas janelas do dormitório. Daquele dia em diante, embora sofrendo a dor incurável da saudade dos meus pais, da minha casa, da minha rua, considerando-me um prisioneiro voluntário, pois privado da liberdade de ir e vir, e ostentando o n° 129 nas calças, nas meias e na cueca, resolvi continuar no seminário, enquanto houvesse futebol.

Desculpem-me a falta de modéstia, mas confesso ter sido um grande goleiro. Cônego Otto, que tanto se impressionava com minhas arrojadas defesas no gol, certa vez me chamou e disse: "Ivo, você não tem vocação para o sacerdócio, mas sim para goleiro. Vou falar com o Roberto Gomes Pedrosa para você jogar no São Paulo Futebol Clube". Para minha tristeza, acho que o cônego não encontrou o presidente do São Paulo. Até hoje, embora tenham se passado quase sessenta anos, estou aguardando a resposta...

Na verdade, minha paixão pelo futebol era tamanha, que fazia questão de defender pênaltis mesmo quando não tivesse havido falta na área!

O jogo de futebol despertou nossa imaginação de jovens.

Organizávamos campeonatos que se iniciavam e terminavam nos finais dos dois semestres do ano letivo. Chegamos a escalar até uma seleção para enfrentar os times de outros seminários. A propósito, lembro-me agora

time do seminário desejava o colega **Parnaíba (Antônio de Oliveira Leite)** como seu integrante, pois ele, com sua 'chuteira amarela' chutava a bola para qualquer lado, inclusive contra o gol de seu próprio time!

Recordo-me, também, que o reitor do seminário não permitia o uso de calções para jogar bola. Com o passar do tempo, cada um de nós, os jogadores, íamos de maneira sorrateira cortando vagarosamente as calças compridas até que virassem calças curtas.

É oportuno lembrar que a bola de câmara daquela época era de capotão, da cor natural do couro e não possuía válvula, mas um pingolim, que era introduzido no seu interior depois de cheia. Com freqüência, devido aos fortes chutes, as bolas se rompiam e eram costuradas e remendadas grosseiramente.

Todos sabem que na arte do futebol, as bolas oficiais sempre foram de cor marrom e de válvulas, posteriormente é que se chegou à conclusão que deveriam ser obrigatoriamente de cor branca, pois ofereciam maior visão aos jogadores e torcedores. Justamente agora, com a Copa do Mundo, não sei quem foi o marqueteiro que teve a infeliz idéia de colorir e transformá-las em objetos de propaganda. Espero que a FIFA proíba essas pinturas futuristas. Afinal, a bola é só um meio; ela é cheia por si mesma e não há necessidade de acrescentar mais nada!

Não resta dúvida que o jogo de futebol conseguiu pôr um freio em minha contumaz rebeldia. Tornei-me disciplinado. Como conseqüência, fui designado **professor de educação física**, fui escolhido para desempenhar no palco os papéis principais nos dramas e comédias e também nomeado fiscal do dormitório.

Concluído o sexto ano, em 1948, dei adeus ao seminário de Pirapora. Lá ficaram os restos de minha infância e as primícias da minha feliz juventude. Em cada retorno ao Seminário de Pirapora, que agora vive em completo silêncio, eu consigo encontrar-me comigo. Os abnegados professores, cônegos premonstratenses, haviam deixado sua pátria e se dedicaram integralmente ao ensino e formação dos seminaristas, dividindo com eles a vasta cultura trazida da Europa.

No Seminário Central do Ipiranga, no meio de tantos alunos, comecei a sentir-me só. A batina preta e o colarinho no pescoço deram-me a impressão que iria me afogar. Sentia saudades das montanhas azuis de Pirapora e cheguei a ter saudades do silencioso rio Tietê, que me acompanhava nos passeios das quintas-feiras. Novamente o futebol, embora naquela ocasião só jogado com a mão, foi o meu salva-vida. Fui escalado como goleiro dos filósofos! Depois de um ano, o reitor, **Mons. Vicente Zioni**, designou-me professor de educação física dos filósofos.

EM PÉ (7): CÔN. OTO VAN DER BURGT (falec) -
CONSTANTINO BENTO JR. - NÃO IDENT. - ANTÔNIO IVO
PEZZOTTII - CARLOS DI PIERE - PAULO ANTONINO
MASCARENHAS ROXO - ATÍLIO BIAZZI - AGACHADOS
(5): LUIZ GONZAGA DO CARMO - JOSÉ MOURA
FERREIRA - JOÃO DE ARRUDA OUBEIRA - DOMINGOS
BOTTARO - JOSÉ MANOEL CURRALO



Ciente de que não seria padre, posso hoje lhes confessar: permaneci 11 anos nos seminários graças ao futebol, ao teatro, à banda musical, em que tocava trombone, às ginásticas que eu ministrava e às deliciosas férias de Itanhaém!

No segundo ano de Teologia, um véu de tristeza caiu sobre mim. No mês de novembro de 1953, deixei de jogar futebol e deixei o Seminário Central do Ipiranga.

(*) **Antônio Ivo Pezzotti**, advogado em S.Paulo, um dos pioneiros na Vila Madalena, falecido aos 77a. em 26.08.2006, foi ex-aluno do Seminário de Pirapora do Bom Jesus, turma de 1943.

Echus conta uma história aos leitores: Desde 1979, os ex-alunos do Seminário Menor Metropolitano de Pirapora do Bom Jesus cultivaram seus encontros anualmente, motivados por sua eterna amizade. Foi em 2003 que, após muitas deliberações, não encontraram outra saída que não o encerramento de suas atividades devido a incontornáveis circunstâncias. Sempre, e por várias razões, houve muita afinidade entre essas duas turmas, Ibaté e Pirapora. A primeira delas é o fato de quase 100% de nossos mestres terem sido alunos daquele seminário, quer dizer, somos herdeiros de toda sua estrutura de funcionamento; exatamente 70 alunos de São Roque também foram alunos de Pirapora. Temos e cultivamos muitas amizades com os piraporanos. E não nos esqueçamos que a idéia-semente de reunirmos todos os ex-alunos do Ibaté nasceu dentro desses históricos encontros em Pirapora, em 1992. Pirapora sempre foi a referência maior de São Roque. É por isso que temos hoje as portas totalmente abertas a todos os membros dessa veterana Turma cuja presença em nossos encontros e neste poderoso rotativo sempre será muito bem vinda. *Ibateani Piraporanos Salutant!*

CASO EDIFICANTE



José Lui*

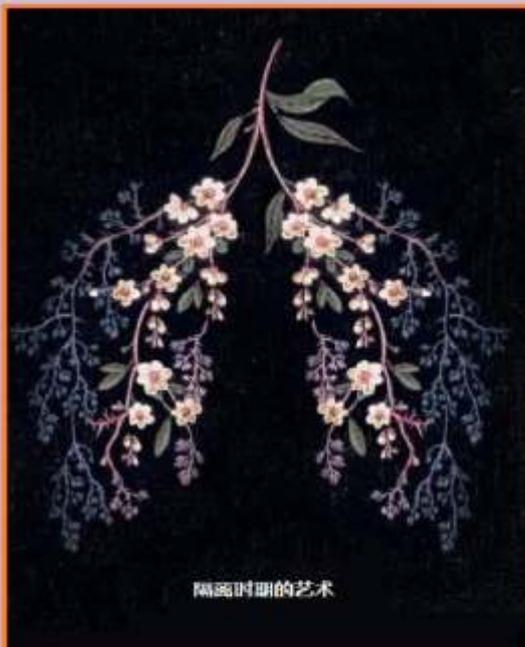
COGUMELOS...

Dois amigos se encontram depois de muitos anos.

- Olá Orestes, como vai?
- Não tão bem quanto gostaria. Veja só Luiz, sou um homem sem sorte com as mulheres. Não consigo ter uma vida sentimental tranquila. Exatamente no mês passado me casei pela 4ª vez.
- E as outras mulheres?
- Morreram todas!
- Mas como assim, morreram todas?
- Morreram todas!
- Mas como foi que morreram?
- A 1ª gostava muito de cogumelos e certa vez comeu um envenenado e não teve jeito, morreu!
- E as outras?
- A 2ª também amava cogumelos, e teve o mesmo fim.
- Mas, Orestes, não me diga que a 3ª também morreu comendo cogumelos envenenados.
- Não, Luiz, a 3ª morreu de tantas porradas que lhe dei porque não queria comer cogumelos!

(*) José Lui, 82 (49/56) filósofo, teólogo, pé-de-valsas, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

Tempos de Isolamento



É hora de ir ao encontro de Boccaccio
E visitar sua obra o Decamerão
Em que dez jovens, rapazes e moças,
Fugindo da cidade e da pestilência,
Na convivência do campo, longe de Florença,
Em contação de histórias para enganar a morte e o tempo
Deixaram à posteridade a doação de relatos
De cada um, dez contos em somatória de cem
E lavraram a ata da vida vencendo a danação.
Viajamos, então, no tempo e na imaginação
E fazemos o novo percurso
Da Idade Média das trevas para as trevas da idade de hoje
Retrocedemos tanto que aquela Idade virou o nosso presente
E vivemos, como lá, os horrores da morte e da peste.
É hora de criar e de contar outras histórias
de um velho tema sempre presente,
o das trevas ofuscando a luz
e o da luz dissipando o obscuro das mentes
e ler o embate de sempre no mito do eterno retorno
do pêndulo entre o ir e o voltar,
da cabeça mordendo a cauda da própria serpente
o oroboro de ontem, de agora e de sempre
para ressurgir da morte na vitória da vida.
Vivemos tempos de Decamerão e de Giovanni Boccaccio
Precisamos da companhia de Shakespeare e de Cervantes
De Camões, de Pessoa e de G. Rosa
Para que tudo seja melhor do que antes
E a vida nos guie em verso e em prosa.

Valdevino Soares de Oliveira. 59-63

Páscoa: Celebrando o valor da vida



Attilio Brunacci (1949-1955)

Numa noite dessas vi num canal francês de televisão um interessante documentário sobre o incêndio e os trabalhos de recuperação da catedral de Notre-Dame de Paris; não despeguei os olhos da telinha. Num determinado momento, o documentário mostrou o interior do templo envolvido em um emaranhado de andaimes e toda a parafernália montados para o delicado e perigoso trabalho de reconstrução do que sobrou do incêndio na nave central.

A cena mostrava o transepto onde estava um bispo celebrando missa acompanhado de outros bispos e padres concelebrando, e ainda um reduzido número de participantes. Esse ato litúrgico com tais atores configurava um cenário esdrúxulo. Até aí, tudo ok. Mas o que me chamou a atenção – e me deixou pasmo! – foi o fato de que eles estavam celebrando a Eucaristia usando um capacete de segurança, desses EPIs dos trabalhadores da construção civil. Todos eles, bispos, padres, leigos, todos devidamente protegidos!



Confesso que no curso dos meus oitenta e três anos de vida – logo, logo, oitenta e quatro – jamais imaginei entrar numa igreja com a cabeça coberta e, muito menos, rezar missa ou outro culto litúrgico usando, por exemplo, um boné. Que sacrilégio! Sou do tempo em que os homens usavam chapéu. Na rua, quando passavam diante de uma igreja, descobriam a cabeça em sinal de respeito.

Ficou evidente na missa de Notre-Dame que todas essas pessoas estavam com a cabeça protegida e, por tabela, protegendo a própria vida. Era estranho, mas encarei essa inusitada cena litúrgica com muita racionalidade e pertinência.

Passados alguns dias, em outro informe, a notícia: “Até o dia 3 de abril não haverá celebrações da Eucaristia nas paróquias italianas. A Conferência Episcopal Italiana tomou ato do decreto do governo italiano”. E outra: “A Quaresma de 2020 coincide para os italianos com uma longa abstenção não de carne, mas de missa”.

Não há registro dessa prática na Igreja que, historicamente, sempre centralizou sua fé na celebração da Eucaristia!

Na Espanha, também fiquei sabendo, o risco iminente de cancelar a Semana Santa, com as celebrações mais importantes do calendário litúrgico.

Três eventos neste ano de 2020, “três pontos fora da curva” da história da Igreja Católica, mostrando a importância de proteger a saúde ou a vida: na Notre-Dame, o perigo de queda de algum objeto que pode ferir ou matar alguém; na Itália e na Espanha, o coronavírus

que já está atingindo milhões de indivíduos. “Fora da curva”, porque deixam claro que proteger a saúde das pessoas é mais importante do que as ações litúrgicas da missa ou da Semana Santa. Sinal dos tempos?

E nós que sempre aprendemos, respeitamos e cultivamos que o templo é um ambiente sagrado, a Quaresma é um tempo sagrado, a Semana Santa é uma semana sagrada. De repente, então, a gente descobre – por três sem precedentes fatos históricos próprios de nós, humanos – que a nossa vida ou a nossa saúde é algo muito mais divino, a ponto de ser colocada como prioritária nas preocupações litúrgicas da Igreja.

Incrível, a História humana ditando novos rumos para a Igreja e não mais as autoridades eclesásticas mandando em nós, como sempre foi! Tudo por causa de um minúsculo vírus que foi capaz de abalar a rigidez da Páscoa, o principal evento litúrgico do ano.

Tais reflexões sobre esses fatos históricos que aconteceram em pleno tempo de preparação para a Páscoa nos permitem concluir: 1) A Páscoa não é a celebração da vida? Vencendo a morte, Cristo não valorizou a vida? Páscoa da ressurreição: celebrar o valor da vida – o “maior ato litúrgico” de todos os tempos. 2) Tudo indica que a Igreja está a ensinar que proteger a vida é a melhor maneira de celebrar a



Páscoa, é mais importante do que as celebrações litúrgicas, por mais importantes que sejam tais celebrações.

Ficou patente que a defesa da vida caminha ao lado das celebrações pascais. Então, da minha parte, espero que o nosso Brasil “faça a lição de casa” transmitida pela Igreja, com destaque para o papa Francisco. Em outras palavras, que todos nós brasileiros, como compromisso pascal, intensifiquemos a luta em favor da defesa da vida com dignidade. Vida digna significa – estamos cansados de saber – saúde, educação, emprego, justiça para todos, não para uma minoria privilegiada.

Feliz Páscoa para todos, sem capacete e sem coronavírus!

Post-scriptum: Este artigo foi escrito no início da Quaresma, bem antes, portanto, das restrições às celebrações litúrgicas impostas pelas autoridades.

PHOTHODIERNA



Era 22.08.2009, dia do Nono Encontro em São Roque.
E essa turminha brigando para ver quem sai mais bonito na fotografia.

Francisco Fierro - Joaquim Barbosa de Oliveira - Alfredo Barbieri - Otto Mello - Lourenço Medeiros
Fernandes - Luiz de Gonzaga Gianini - Luiz Pedro de Araújo - Walmir da Silva Gomes - Aurélio Vieira de
Moraes - Paulo Francisco C.A.Toschi - Celso Bissoli - Darcy Corazza - Alatuifan de Oliveira Gomes - Luiz
Furlaneto - Attilio Brunacci

Acervo de Isidoro da Silva Leite

JG
Pinheiro
ADVOCACIA

José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733

LIVRO: A IGREJA NO CÁRCERE

Diário e reflexões de um sacerdote nos porões do Dops

Autor: Pe. José Eduardo Augusti (in memoriam)

Organização e notas de rodapé: Attilio Brunacci

Além do diário, o livro inclui crônicas, artigos, desabafos do padre, assim como cartas a Dom Agnelo Rossi (na época, cardeal da Arquidiocese de São Paulo e presidente da CNBB) e a Dom Paulo Evaristo Arns, bispo auxiliar de Dom Agnelo. Algumas dessas cartas digitalizadas a partir do original, foram escritas no período em que ele esteve preso no Dops e no Presídio Tiradentes.

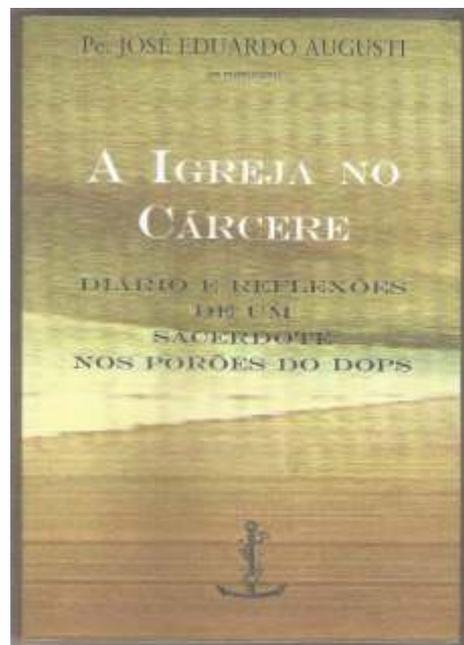
Pe. José Eduardo era capelão na Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (hoje, Unesp/Botucatu). Em julho de 1968, por ocasião de uma greve dos estudantes e professores dessa faculdade, ele apoiou o movimento, foi preso junto com outros estudantes e levado para o Dops em São Paulo. Por força de habeas corpus, foi solto, mas, posteriormente condenado, à revelia. Ficou preso no Presídio Tiradentes com os presos comuns.

Em dezembro de 2012, numa solenidade oficial das “Caravanas da Anistia” (Comissão da Anistia/Ministério da Justiça), Pe. José Eduardo foi declarado anistiado político *post mortem*, com o pedido oficial de desculpas por parte do Governo Brasileiro. Essa solenidade foi no Memorial da Resistência de São Paulo, instalado no prédio do antigo Dops onde o padre, quando prisioneiro junto com os frades dominicanos, foi barbaramente torturado. O lançamento do livro foi nesse mesmo “Memorial” no dia 1º de agosto de 2015, por ocasião dos chamados “Sábados Resistentes”, evento da Secretaria Estadual da Cultura.

Pe. José Eduardo Augusti e Attilio Brunacci foram colegas de classe na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP, no período de 1959 a 1962.

O livro foi editado pela Editora Giordanus, de Cláudio Giordano, aluno do Ibaté no período de 1951 a 1957.

A Igreja no Cárcere é um importante documento para a história religiosa e política da Igreja de São Paulo.



Valor: R\$ 60,00 mais os custos do Correio. A venda do livro não tem fins lucrativos.

Pedidos: atiliobrunacci@gmail.com

Fone: (11) 5181.6300

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.03.2020	
POSIÇÃO EM 27.01.2020	4.791,53
ENTRADAS	
Contribuições e doações	516,98
Juros	18,63
TOTAL ENTRADAS	535,61
SAÍDAS	
Diagramação Echus 165	798,75
Despesas Correios	52,25
Zaffari-Envelopes	6,98
Despesas Bancárias	83,85
TOTAL SAÍDAS	941,83
SALDO ATUAL 31.03.2020	4.385,31
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 28.01.2020 a 31.03.2020, dos seguintes colegas: Attilio Brunacci, Carlos Domingues Cosso, José Ecio Pereira da Costa, José Fernandes da Silva, Vicente de Paulo Moraes e Wilson Mosca. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Minor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Aparecido Pereira, Côn., Antonio Ivo Pezzotti (In memoriam), Antonio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Augusto José Chiavegato, Claudio Giordano, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Paulo Francisco Toschi e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO (237), Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antônio Carlos

Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail: echusdoibate@gmail.com
- “Palavra de Seminarista” (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: Links <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate>

Diagramação: Conexão Propaganda

